



UNICAMP

EVENTO: "JOVEM COREÓGRAFA ALEMÃ VAI PARTICIPAR DE

FESTIVAL NO BRASIL"

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 05/Novembro 96

PÁGINA: D-14

SEÇÃO: CADERNO 2



Cena da trilogia 'Travelogue': uma viagem pelos espaços cotidianos, proclamada como uma versão alegre da dança-teatro pela crítica de Berlim

Jovem coreógrafa alemã vai participar de festival no Brasil

Sasha Waltz estará pela primeira vez no País com sua companhia e apresentará em São Paulo e Belo Horizonte o espetáculo 'Allee der Kosmonauten', que estreou em Berlim há pouco mais de um mês

RUI MARTINS
Especial para o Estado

BERNA — No começo, o público tem medo de rir, mas as situações criadas pela coreógrafa alemã Sasha Waltz, que estará no Brasil este mês para o Festival Internacional de Dança, a ser realizado em Belo Horizonte e São Paulo, acabam por desinibir os espectadores e o riso toma conta do público.

Seria apenas uma dança-teatro cômica a peça *A Cozinha*, primeira da trilogia *Travelogue* de Sasha Waltz? Alem do burlesco, qualquer semelhança com cenas do cinema mudo não é mera coincidência — a coreógrafa gosta de cinema e quis imprimir esse clima no espetáculo apresentado no 10º Festival de Danças de Berna, na Suíça. Há também muita sensualidade entre os cinco bailarinos (três mulheres e dois homens) que partilham da mesma mesa e geladeira, numa cozinha comunitária. O sensualismo feminino dessa jovem coreógrafa de 33 anos, que desponta como um dos grandes valores da dança alemã.

Depois de diversos espetáculos mornos, o público do Festival de Danças de Berna foi praticamente despertado e sacudido por essa peça da pequena e elétrica coreógrafa, que utiliza gestos repetitivos, mas inéditos, e mostra os impulsos sexuais de seus personagens. Um guloso que abocanha um pão, a luta para abrir a geladeira, portas que se abrem e fecham sem tocar em impassíveis visitantes ou o indecoroso gesto de levantar a saia para se ver o que esta escondido são alguns exemplos de sua imaginação.

A coreógrafa estará pela primeira vez no Brasil. Sua companhia se apresentará nos dias 29 e 30 em Belo Horizonte e também em São Paulo, mas com outra peça, recém-criada, que estreou em 26 de setembro em Berlim — *Alee der Kosmonauten*. A cômica *A Cozinha*, que foi sucesso em Berlim há três anos, ficará para outra visita, na qual Sasha espera poder fazer como em Basileia, na Suíça — apresentar em três dias a trilogia completa.

Travelogue é uma viagem através dos espaços cotidianos. Enfim, uma versão alegre da dança-teatro, proclamada a crítica berlinense na estreia de *A Cozinha*. "O humor, a sensualidade e a agressividade são elementos importantes no meu trabalho", diz Sasha, cujo renome internacional começa a se fazer — *A Cozinha* foi apresentada este ano no teatro do Centro Beaubourg de Paris. Foi ainda ofegante, pois tam-

bém dança com seu grupo, que Sasha falou para o Estado de sua carreira e de sua viagem ao Brasil.

Estado — Como poderia resumir sua carreira?

Sasha Waltz — Nasci em Kalsruhe, na Alemanha, e estudei dança em Amsterdã, na School for New Dance Development. Fui, a seguir, a Nova York, onde fiquei um ano, dançando com diferentes grupos. Retornei a Amsterdã, onde fiquei mais um ano, colaborando com diversos coreógrafos, até mudar para Berlim, onde tenho um lugar para os ensaios. Meu projeto era de colaboração com bailarinos, músicos e artistas visuais e assim realizei diversos projetos. Nesse período de experiências e laboratórios, imaginei 16 espetáculos e a um deles me dediquei mais profundamente. Foi assim que surgiu *A Cozinha*, com a qual fundei também uma companhia de dança. Não é exatamente uma companhia, pois os bailarinos continuam vivendo nos próprios países e só se reúnem quando há espetáculos. Só nos reunimos para trabalhar juntos ou criar novos espetáculos. Um vive em Paris, outro em Budapeste, outra em Florença e só minha bailarina japonesa está vivendo em Berlim. Dei o nome de Sasha Waltz & Guests ao meu grupo, porque meus bailarinos são meus hóspedes ou meus convidados.

Estado — Quanto tempo trabalha com seus bailarinos-hóspedes?

Sasha — Quando criei o primeiro espetáculo, ficamos juntos quatro meses. A seguir, todos voltaram para seus países e só nos encontrávamos quando dávamos espetáculos. Quando fomos ao Brasil, será lá que nos encontraremos. No Brasil, apresentaremos um espetáculo novo. Não será esse grupo, porém outros três bailarinos e três bailarinas. Apenas Takako, a bailarina japonesa, estará no novo espetáculo.

Estado — É um espetáculo muito diferente de *A Cozinha*?

Sasha — Posso dizer diferente, mas com a mesma linguagem. É a história de uma família, três gerações, com diversas situações. Será a primeira peça depois da minha trilogia, que traba-

lhava com espaços limitados e começou com *A Cozinha*, à qual se seguiram *O Banheiro* e *O Quarto*. Na nova peça, o espaço é aberto, sem limites. No palco, há só um sofá, não há nem portas nem janelas. Acho também que trato menos da questão do relacionamento entre as pessoas, mas não posso dizer muita coisa, pois falta ainda terminar. O título é *Allee der Kosmonauten*. É uma rua que fica na parte leste de Berlim, onde há grandes edifícios. Foi ali que fiz entrevistas. São prédios de apartamentos suburbanos que me inspiraram o espetáculo.

Estado — Por que não vai levar ao Brasil a trilogia?

Sasha — Porque como terei outra peça, tenho vontade de mostrar coisa nova. Mas acho que havia também algum problema de programação. Talvez, numa outra oportunidade, possamos levar a trilogia inteira, um dia para cada peça, como fizemos em Basileia. *A Cozinha* trata de indivíduos que vivem juntos, numa comunidade, mas sem laços familiares; *O Banheiro* é uma história de crime; e *O Quarto* tem mais fantasia: é sobre casais, homem—mulher, mulher—mulher e homem—homem. A peça que vai ao Brasil é sobre família. Mas não tem nada daminha família, não é autobiografia. É sobre a vida de uma família pobre.

Estado — Você é muito jovem. Como se tornou coreógrafa tão rapidamente?

Sasha — Foi sempre meu desejo ser coreógrafa, sempre tive pequenos projetos na cabeça e depois a oportunidade de encontrar um espaço em Berlim para concretizá-los. Consegui também reunir os bailarinos. Mas foi também porque eu nunca quis ser apenas bailarina numa companhia. Foi bom meu período em Nova York para adquirir experiência, mas queria colocar em prática minhas ideias. Meus bailarinos são também muito criativos e me ajudaram na criação dos espetáculos. Não sou uma coreógrafa ditadora, mas crio num clima de grande colaboração, embora seja eu quem fixa a direção.

Estado — Como foi seu convite para ir ao Brasil?

Sasha — Adriana (cordenadora do festival no Brasil) conhecia meu trabalho e quando estivemos, no ano passado, em Montreal, e uma jornalista a aconselhou a nos convidar.

Estado — Quais são as características

dominantes nas suas criações, além dos gestos repetitivos e da velocidade de movimentos?

Sasha — Acho que gosto de coisas dinâmicas, tanto que explorei esse aspecto nos últimos anos, mas estou começando a abandonar os gestos repetitivos em busca de novas formas de expressão. Minha energia e meu temperamento são rápidos, mas não posso me repetir sempre nem continuar a usar a mesma fórmula. O que desejo é mostrar coisas com as quais as pessoas possam se identificar, não é o movimento pelo movimento, mas o significado dos movimentos.

Estado — Existe uma deliberada intenção de movimentos que lembrem o cinema mudo?

Sasha — Foi realmente uma inspiração na minha trilogia, mesmo porque o cinema, em geral, me interessa muito. O segundo espetáculo da trilogia é bastante filmico. Quero também dizer que para mim o importante não é só o realismo, mas o surrealismo. Transformar uma situação em algo mais perigoso do que é na vida real, tornando-a trágica ou engraçada. Ou, então, numa fantasia ou sonho. Na terceira parte da trilogia, há muito mais sonho e as coisas podem se movimentar por elas mesmas, numa outra duração de tempo. As ações também podem ocorrer paralelamente e não se concentram num só movimento.

Estado — Quanto à sensualidade, ela reflete o sentimento feminino?

Sasha — Acho que a sensualidade é muito importante na dança, porque a dança dá a possibilidade de expressar formas de sensualismo. No meu espetáculo, não mostro a vitória sensual de um sobre o outro, com vítimas, mas um sensualismo ao mesmo nível, numa relação igualitária. Ninguém é dominado sensualmente pelo outro, não há um mais forte que o outro.

Estado — Por que os bailarinos são de países diferentes?

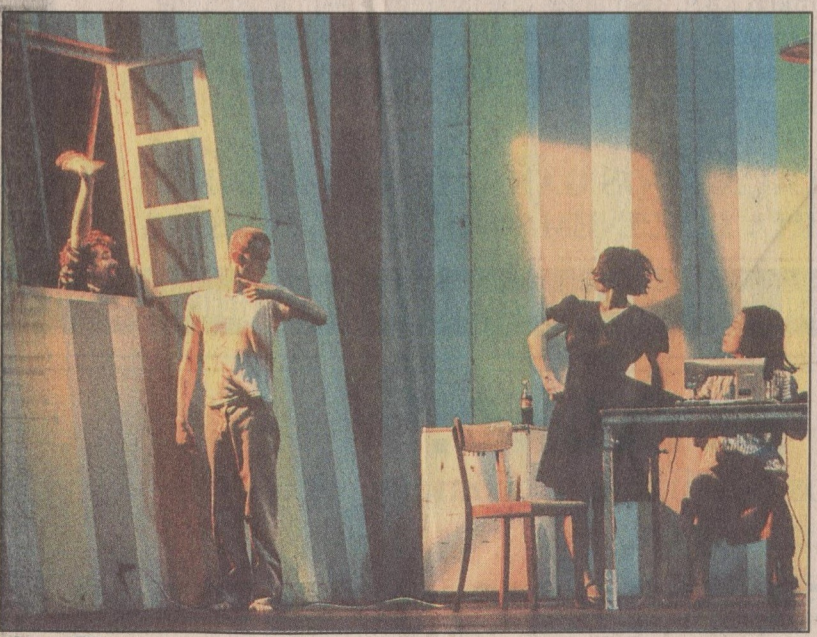
Sasha — Pura coincidência. Encontrei-os em lugares bem diferentes. Não fiz audições com eles, mas escolhi-os pelo que estavam fazendo. Questão de fato. A bailarina japonesa descobri em Berlim. Ela veio no meu workshop de dança e foi ali que a escolhi. O francês dançava num bar, falei-lhe do meu projeto, ele aceitou, mas só o chamei três anos depois. A americana foi minha colega em Amsterdã. O austríaco vi em Viena, quando fazia um solo. No espetáculo que levarei ao Brasil, há dois canadenses, um espanhol, dois italianos e Takako. As diversas nacionalidades acabam sendo um fator ótimo, porque cada um traz no seu background coisas diferentes que nos enriquecem.



Sasha Waltz & Guests: bailarinos num espaço aberto, sem limites



'A Cozinha': "Humor e sensualidade são importantes", diz Sasha



Cena do mesmo espetáculo: opção por clima de cinema mudo